

VERMELHO PANDÉMICO

Orlando Castro (Angola)

Nos córregos da pandemia
fecundei o olhar de um país
de sonho e sem latitude.
A quimera era uma poesia
que feria de morte a raiz
de uma tão covarde atitude.

A minha criança negra recusa
pétalas celestes de amanhã
nascidas nesta terra queimada.
Sonhar é algo que não se usa
porque até a esperança é vã
e a vida uma morte Covid(ada).

Huambo, Huíla, Benguela,
mapa acéfalo de recortes
e de pitangas mais agrestes.
Amorfismo da minha cela,
de grades feitas de mortes
sem cruz, beijos ou vestes.

Tulemba, espírito reinante,
irmão ganguela do passado,
passado mortífero que assola.
Jamais a Mãe preta será amante
daquele espírito bom e amado
do avoengo Ginga ou Txissola.

Quimera sim do Upuango,
Kissange nas noites do Bié,
na negridão da noite Luena.
Nosso, esse rio Cubango
vermelho de sangue sem fé
negro de vida nada serena.